

Examine a seguinte matéria jornalística:

Sem-teto usa topo de pontos de ônibus em SP como cama

Às 9h desta segunda (17), ninguém dormia no ponto de ônibus da rua Augusta com a Caio Prado. Ninguém a não ser João Paulo Silva, 42, que chegava à oitava hora de sono em cima da parada de coletivos.



“Eu sempre durmo em cima desses pontos novos. É gostoso. O teto tem um vidro e uma tela embaixo, então não dá medo de que quebre. É só colocar um cobertor embaixo, pra ficar menos duro, e ninguém te incomoda”, disse Silva depois de acordar e descer da estrutura. No dia, entretanto, ele estava sem a coberta, “por causa do calor de matar”.

Por não ter trabalho em local fixo (“Cato lata, ajudo numa empresa de carroto. Faço o que dá”), ele varia o local de pouso. “Às vezes é aqui no centro, já dormi em Pinheiros e até em Santana. Mas é sempre nos pontos, porque eu não vou dormir na rua”.

www1.folha.uol.com.br, 19/03/2014. Adaptado.

- Qual é o efeito de sentido produzido pela associação dos elementos visuais e verbais presentes na imagem acima? Explique.
- O vocábulo “pra”, presente nas declarações atribuídas a João Paulo Silva, é próprio da língua falada corrente e informal. Cite mais dois exemplos de elementos linguísticos com essa mesma característica, também presentes nessas declarações.

Resolução

- a) O efeito é de contradição ou antítese. Os elementos verbais atribuem ao novo *design* dos pontos de ônibus “conforto, segurança e beleza”, o que é confirmado pelo aspecto visual da parada, e se opõe, ironicamente, de forma contundente, ao sem-teto que usa o topo do ponto de ônibus como cama.
- b) Nas falas de João Paulo Silva, além do uso coloquial de *pra*, há também o emprego informal da expressão “calor *de matar*”, “faço o que dá”.

Leia o seguinte texto jornalístico:

PARA PARA

Numa de suas recentes críticas internas, a ombudsman desta **Folha** propôs uma campanha para devolver o acento que a reforma ortográfica roubou do verbo “parar”. Faz todo sentido.

O que não faz nenhum sentido é ler “São Paulo para para ver o Corinthians jogar”. Pior ainda que ler é ter de escrever.

Juca Kfourri, **Folha de S. Paulo**, 22/09/2014. Adaptado.

- a) No primeiro período do texto, existe alguma palavra cujo emprego conota a opinião do articulista sobre a reforma ortográfica? Justifique sua resposta.
- b) Para evitar o “para para” que desagradou ao jornalista, pode-se reescrever a frase “São Paulo para para ver o Corinthians jogar”, substituindo a preposição que nela ocorre por outra de igual valor sintático-semântico ou alterando a ordem dos termos que a compõem. Você concorda com essa afirmação? Justifique sua resposta.

Resolução

- a) A ombudsman da *Folha de S. Paulo* emprega conotativamente o verbo *roubar* em uma crítica à supressão, no Novo Acordo Ortográfico de 2009 (que será obrigatório a partir de 1º de janeiro de 2016), do acento agudo na forma verbal *para* a fim de diferenciar essa forma da de seu homônimo, a preposição *para*.
- b) É possível substituir a preposição *para* por uma locução com a mesma ideia de finalidade:
São Paulo para a fim de ver o Corinthians jogar /
São Paulo para com a finalidade de ver o Corinthians jogar.
Há, ainda, a possibilidade de alterar a ordem dos termos, mudando de lugar a palavra *para*:
Para ver o Corinthians jogar, São Paulo para / São Paulo, para ver o Corinthians jogar, para.

Leia o seguinte texto:

Mal traçadas

Canadá planeja extinguir os carteiros

*No mundo inteiro, os serviços de correio tentam se adaptar à disseminação do e-mail, do Facebook, do SMS e do Skype, que golpearam quase até a morte os hábitos tradicionais de correspondência, mas em nenhum lugar se chegou tão longe quanto no Canadá. Em dezembro, o Canada Post anunciou nada menos que a extinção do carteiro tal como o conhecemos. A meta é acabar com o andarilho uniformizado que, faça chuva ou faça sol, distribui envelopes de porta em porta e, às vezes, até conhece os rostos por trás dos nomes dos destinatários. Os adultos de amanhã se lembrarão dele tanto quanto os de hoje se recordam dos leiteiros, profetizou o blog de assuntos metropolitanos do jornal **Toronto Star**, conformado à marcha inelutável da modernidade tecnológica.*

Claudia Antunes, <http://revistapiaui.estadao.com.br>. Adaptado.

- a) Qual é a relação de sentido existente entre o título “Mal traçadas” e o assunto do texto?
- b) Sem alterar o sentido, reescreva o trecho “conformado à marcha inelutável da modernidade tecnológica”, substituindo a palavra “conformado” por um sinônimo e o adjetivo “inelutável” pelo verbo lutar, fazendo as modificações necessárias.

Exemplo: “marcha inevitável da modernidade tecnológica” = marcha da modernidade tecnológica que não se pode evitar.

Resolução

- a) A reportagem de Claudia Antunes discorre sobre a extinção, no Canadá, do serviço de entrega doméstica de correspondência, que em sua maioria é do gênero epistolar (cartas). O título do texto faz referência a esse gênero ao se aproveitar de um clichê de cartas: “escrevo essas *mal traçadas* linhas”.
- b) Reescrevendo-se o trecho apresentado, tem-se: “Resignado à marcha da modernidade tecnológica contra a qual não se pode lutar” ou “Submetido à marcha da modernidade tecnológica que não se pode vencer”.

Leia a seguinte mensagem publicitária de uma empresa da área de logística:

**A gente anda na linha para levar sua empresa
mais longe**

Mudamos o jeito de transportar contêineres no Brasil e Mercosul. Através do modal ferroviário, oferecemos soluções logísticas econômicas, seguras e sustentáveis.

- a) Visando a obter maior expressividade, recorre-se, no título da mensagem, ao emprego de expressão com duplo sentido. Indique essa expressão e explique sucintamente.
- b) Segundo o anúncio, uma das vantagens do produto (transporte ferroviário) nele oferecido é o fato de esse produto ser “sustentável”. Cite um motivo que justifique tal afirmação.

Resolução

- a) A expressão que apresenta duplo sentido é “andar na linha”, que tanto pode referir-se a transportar sobre trilhos, quanto a agir corretamente, respeitando os princípios éticos e morais.
- b) A sustentabilidade está relacionada com o desenvolvimento econômico e material, minimizando a agressão ao meio ambiente. Dessa forma, o modal ferroviário é sustentável porque a quantidade de CO₂ liberada é menor do que a de outros meios de transporte.

Limite inferior

Aprendi muito com o economista filósofo Roberto de Oliveira Campos, particularmente quando tive a honra e a oportunidade de conviver com ele durante anos na Câmara dos Deputados. Sentávamos juntos e assistíamos aos mesmos discursos, alguns muito bons e sábios.

Frequentemente, diante de alguns incontroláveis colegas que exerciam uma oratória de alta visibilidade, com os dois braços agitados tentando encontrar uma ideia, Roberto me surpreendia com a afirmação: “Delfim, acabo de demonstrar um teorema”. E sacava uma mordaz conclusão crítica contra o incauto orador.

Um belo dia, um falante e conhecido deputado ensurdeceu o plenário com uma gritaria que entupiu os ouvidos dos colegas. A quantidade de sandices ditas no longo discurso com o ar de quem estava inventando o mundo fez Roberto reagir com incontida indignação. Soltou de supetão: “Delfim, construí um axioma, uma afirmação preliminar que deve ser aceita pela fé, sem exigir prova: a ignorância não tem limite inferior”. E completou, com a perversidade de sua imensa inteligência: “Com ele poderemos construir mundos maravilhosos”.

Antonio Delfim Netto, **Folha de S. Paulo**, 17/09/2014. Adaptado.

- a) Explique por que o axioma formulado por Roberto de Oliveira Campos tornaria possível “construir mundos maravilhosos”.
- b) Identifique o trecho do texto que explica o emprego da expressão “oratória de alta visibilidade”.

Resolução

- a) **O axioma criado por Roberto Campos, “a ignorância não tem limite inferior”, denota o sarcasmo com que seu criador se referiu à ignorância como manifestação capaz de surpreender pela ausência de limite, o que pode gerar ironicamente “mundos maravilhosos”, porque a falta de conhecimento fornece material inesgotável para a galhofa, o deboche, o escárnio, além de possibilitar a invenção de realidades disparatadas: “A quantidade de sandices ditas no longo discurso com o ar de quem estava inventando o mundo.”**
- b) **O trecho que trata da “oratória de alta visibilidade” é o que se refere ao gestual de alguns deputados durante seu discurso: “com os dois braços agitados tentando encontrar uma ideia”.**

Examine a tirinha.



Fernando Gonsales, *Níquel Náusea: Cadê o ratinho do títio?* São Paulo: Devir, 2011.

- De acordo com o contexto, o que explica o modo de falar das personagens representadas pelas duas traças?
- Mantendo o contexto em que se dá o diálogo, reescreva as duas falas do primeiro quadrinho, empregando o português usual e gramaticalmente correto.

Resolução

- As traças estão usando uma linguagem empolada, marcada principalmente pelo emprego da segunda pessoa do plural, por terem roído a *Bíblia*, o que fez com que, na lógica humorística da tirinha, passassem a adotar de forma equivocada o estilo desse livro.
- Reescrevendo-se as falas em linguagem atual do Brasil e respeitando a norma culta, teríamos:
 - Como foi o seu dia?
 - Queria que fosse melhor.

Andai, ganha-pães, andai; reduzi tudo a cifras, todas as considerações deste mundo a equações de interesse corporal, comprei, vendei, agiotai. No fim de tudo isto, o que lucrou a espécie humana? Que há mais umas poucas de dúzias de homens ricos. E eu pergunto aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infâmia, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico? – Que lho digam no Parlamento inglês, onde, depois de tantas comissões de inquérito, já deve de andar orçado o número de almas que é preciso vender ao diabo, o número de corpos que se têm de entregar antes do tempo ao cemitério para fazer um tecelão rico e fidalgo como Sir Roberto Peel, um mineiro, um banqueiro, um granjeiro – seja o que for: cada homem rico, abastado, custa centos de infelizes, de miseráveis.

Almeida Garrett, **Viagens na minha terra**.

- a) Destas reflexões feitas pelo narrador de **Viagens na minha terra**, deduz-se que ele tinha em mente um determinado ideal de sociedade. O que caracteriza esse ideal? Explique resumidamente.
- b) Identifique, em **Viagens na minha terra**, o tipo social sobre o qual, principalmente, irá recair a crítica presente nas reflexões do narrador, no trecho aqui reproduzido. O que, de acordo com o livro, caracteriza esse tipo social?

Resolução

- a) **O narrador de *Viagens na minha terra* deixa entrever um ideal de sociedade orientado pelas utopias geradas no contexto político e filosófico do século XVIII e que se disseminaram pelo século XIX (Iluminismo, Liberalismo, Revolução Francesa). Trata-se do sonho de um mundo em que imperariam a justiça e a igualdade social, sem o enriquecimento exorbitante atrelado à exploração e à miserabilidade extremas.**
- b) **A crítica de *Viagens na minha terra* recai sobre o burguês, representado pela figura do novo barão (em oposição aos velhos e nobres barões dos tempos de *Os Lusíadas*). Esse tipo social é condenado por assumir um comportamento pragmático ao extremo, voltado para o lucro, a especulação financeira, como se vê nos trechos “reduzi tudo a cifras” e “comprei, vendei, agiotai”.**

Responda ao que se pede.

- a) Qual é a relação entre o “sistema de filosofia” do “Humanitismo”, tal como figurado nas **Memórias póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis, e as correntes de pensamento filosófico e científico presentes no contexto histórico-cultural em que essa obra foi escrita? Explique resumidamente.
- b) De que maneira, em **O cortiço**, de Aluísio Azevedo, são encaradas as correntes de pensamento filosófico e científico de grande prestígio na época em que o romance foi escrito? Explique sucintamente.

Resolução

- a) O Humanitismo, sistema filosófico destinado a arruinar todos os outros, segundo Quincas Borba, é uma crítica satírica às correntes filosóficas e científicas da segunda metade do século XIX, como o Evolucionismo e o Positivismo.

Segundo Quincas Borba, a sobrevivência dos mais aptos é a força propulsora de todos os fenômenos humanos, daí a guerra ser uma calamidade conveniente e a fome, uma provação. A máxima filosófica de Humanitas é “Vida é luta” e, desse combate, apenas os mais fortes saem vencedores, selecionando-se os aptos à vida, o que remete à teoria evolucionista de Darwin. Além disso, o Humanitismo satiriza o Positivismo, segundo o qual o conhecimento científico é a única forma de saber verdadeiro, isto é, apenas os métodos científicos são válidos, desconsiderando-se crenças religiosas ou superstições.

- b) *O Cortiço* é apontado como exemplo bem acabado do Naturalismo, escola literária a que pertence, o que se percebe pela incorporação do pensamento filosófico e científico da época. Essa filiação é notada pelo respeito ao Darwinismo, que colocou em destaque a análise “biologizante” do comportamento humano, vista nas constantes referências à zoomorfização, às imagens escatológicas, na concepção do homem como prisioneiro dos impulsos sexuais e também no predomínio do mais apto, como é o caso de João Romão. Já o Experimentalismo, doutrina segundo a qual uma narrativa deveria servir de instrumento para a comprovação da tese de seu autor, dá-se, por exemplo, na história de Jerônimo como prova de que o meio seria capaz de comandar a natureza humana. Por fim, enxerga-se a vinculação ao Determinismo, segundo o qual a personalidade do homem seria dirigida por fatores como raça, meio e momento. Em algumas ocasiões *O Cortiço* obedece a essa doutrina (Rita Baiana, como mestiça, seria “naturalmente” leviana), em outros momentos a subverte (João Romão e Jerônimo, ambos brancos, portugueses e da segunda metade do século XIX, encontram destinos opostos).

A uma religiosidade de superfície, menos atenta ao sentido íntimo das cerimônias do que ao colorido e à pompa exterior, quase carnal em seu apego ao concreto (...); transigente e, por isso mesmo, pronta a acordos, ninguém pediria, certamente, que se elevasse a produzir qualquer moral social poderosa. Religiosidade que se perdia e se confundia num mundo sem forma e que, por isso mesmo, não tinha forças para lhe impor sua ordem.

Sérgio Buarque de Holanda, **Raízes do Brasil**. Adaptado.

Tendo em vista estas reflexões de Sérgio Buarque de Holanda a respeito do sentido da religião na formação do Brasil, responda ao que se pede.

- a) Essas reflexões se aplicam à sociedade representada nas **Memórias de um sargento de milícias**, de Manuel Antônio de Almeida? Justifique resumidamente.
- b) Os juízos aqui expressos por Sérgio Buarque de Holanda encontram exemplificação em **Memórias póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis, especialmente na parte em que se narra o período de formação do menino Brás Cubas? Justifique sucintamente.

Resolução

- a) Essas reflexões sobre a religiosidade de superfície aplicam-se integralmente a *Memórias de um sargento de milícias*. Os eventos religiosos são mais sociais e festivos que de devoção e contrição, como exemplifica a passagem em que a madrinha de Leonardo, a parteira, vai a várias missas. Na verdade, o que a movia não era uma busca mística, mas a curiosidade pela vida alheia, pois no culto ela conseguia entregar-se às fofocas.
- b) Essas reflexões sobre a superficialidade religiosa também se aplicam integralmente a *Brás Cubas*, quando menino. Embora sua mãe o doutrinasse com preces, o que o governava eram “os nervos e o sangue”. Brás Cubas, de manhã, pedia que Deus lhe perdoasse, mas, até o cair da noite, cometia atos maldosos, conforme se vê no capítulo “O menino é o pai do homem”. Além disso, pode-se lembrar que o tio de Brás Cubas era um padre que não dominava as questões místicas, mas era extremamente apegado às formalidades de um ritual. Sua religiosidade é, portanto, superficial.

Leia o poema de Drummond para responder às questões relativas a dois versos de sua última estrofe.

ELEGIA 1938

*Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,
onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.
Praticas laboriosamente os gestos universais,
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.*

*Heróis enchem os parques da cidade em que te arrastas,
e preconizam a virtude, a renúncia, o sangue-frio, a
[concepção].
À noite, se neblina, abrem guarda-chuvas de bronze
ou se recolhem aos volumes de sinistras bibliotecas.*

*Amas a noite pelo poder de aniquilamento que encerra
e sabes que, dormindo, os problemas te dispensam de
[morrer].
Mas o terrível despertar prova a existência da Grande
[Máquina]
e te repõe, pequenino, em face de indecifráveis palmeiras.*

*Caminhas entre mortos e com eles conversas
sobre coisas do tempo futuro e negócios do espírito.
A literatura estragou tuas melhores horas de amor.
Ao telefone perdeste muito, muitíssimo tempo de semear.*

*Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota
e adiar para outro século a felicidade coletiva.
Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta
[distribuição]
porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de
[Manhattan].*

Carlos Drummond de Andrade, **Sentimento do mundo**.

Considerando-se a “Elegia 1938” no contexto de **Sentimento do mundo**, explique sucintamente

- a que se refere o eu lírico com a expressão “felicidade coletiva”?
- o que simboliza, para o eu lírico, a “ilha de Manhattan”?

Resolução

- a) A expressão “felicidade coletiva” conota uma sociedade sem as injustiças sociais e sem angústias, completamente avessa ao “mundo caduco” vivenciado pelo eu lírico no contexto da década de 1930. *Sentimento do Mundo*, publicado em 1940, é o primeiro livro de Drummond com preocupação social. Notam-se, em vários poemas, como em “Elegia 1938”, a tendência socialista e a repugnância ao sistema capitalista, visto como causador da “injusta distribuição”, o oposto da vida plena e da “felicidade coletiva”.
- b) Para o eu lírico, a expressão “ilha de Manhattan” simboliza o capitalismo ocidental, faz alusão à Bolsa de Valores de Nova Iorque, situada no sul da ilha de Manhattan, em Wall Street. Na passagem “dinamitar a ilha de Manhattan”, há referência à destruição do sistema capitalista e das suas inevitáveis crises, como a de 1929. A Bolsa de Valores de Nova Iorque é o principal centro de negócios do sistema capitalista mundial. Ao empregar “ilha de Manhattan”, nota-se a figura de linguagem denominada metonímia.

Na verdade, durante a maior parte do século XX, os estádios eram lugares onde os executivos empresariais sentavam-se lado a lado com os operários, todo mundo entrava nas mesmas filas para comprar sanduíches e cerveja, e ricos e pobres igualmente se molhavam se chovesse. Nas últimas décadas, contudo, isso está mudando. O advento de camarotes especiais, em geral, acima do campo, separam os abastados e privilegiados das pessoas comuns nas arquibancadas mais embaixo. (...) O desaparecimento do convívio entre classes sociais diferentes, outrora vivenciado nos estádios, representa uma perda não só para os que olham de baixo para cima, mas também para os que olham de cima para baixo.

Os estádios são um caso exemplar, mas não único. Algo semelhante vem acontecendo na sociedade americana como um todo, assim como em outros países. Numa época de crescente desigualdade, a “camarotização” de tudo significa que as pessoas abastadas e as de poucos recursos levam vidas cada vez mais separadas. Vivemos, trabalhamos, compramos e nos distraímos em lugares diferentes. Nossos filhos vão a escolas diferentes. Estamos falando de uma espécie de “camarotização” da vida social. Não é bom para a democracia nem sequer é uma maneira satisfatória de levar a vida.

Democracia não quer dizer igualdade perfeita, mas de fato exige que os cidadãos compartilhem uma vida comum. O importante é que pessoas de contextos e posições sociais diferentes encontrem-se e convivam na vida cotidiana, pois é assim que aprendemos a negociar e a respeitar as diferenças ao cuidar do bem comum.

Michael J. Sandel. Professor da Universidade Harvard.

O que o dinheiro não compra. Adaptado.

Comentário do Prof. Michael J. Sandel referente à afirmação de que, no Brasil, se teria produzido uma sociedade ainda mais segregada do que a norte-americana.

O maior erro é pensar que serviços públicos são apenas para quem não pode pagar por coisa melhor. Esse é o início da destruição da ideia do bem comum. Parques, praças e transporte público precisam ser tão bons a ponto de que todos queiram usá-los, até os mais ricos. Se a escola pública é boa, quem pode pagar uma particular vai preferir que seu filho fique na pública, e assim teremos uma base política para defender a qualidade da escola pública. Seria uma tragédia se nossos espaços públicos fossem shopping centers, algo que acontece em vários países, não só no Brasil. Nossa identidade ali é de consumidor, não de cidadão.

Entrevista. **Folha de S. Paulo**, 28/04/2014. Adaptado.

[No Brasil, com o aumento da presença de classes populares em centros de compras, aeroportos, lugares turísticos etc., é crescente a tendência dos mais ricos a segregar-se em espaços exclusivos, que marquem sua distinção e superioridade.] (...) Pode ser que o fenômeno “camarotização”, isto é, a separação física entre classes sociais, prospere para muitos outros setores. De repente, os supermercados poderão ter ala VIP, com entrada independente, cuja acessibilidade, tacitamente, seja decidida pelo limite do cartão de crédito.

Renato de P. Pereira. www.gazetadigital.com.br, 06/05/2014.

[Resumido] e adaptado.

Até os anos de 1960, a escola pública que eu conheci, embora existisse em menor número, tinha boa qualidade e era um espaço animado de convívio de classes sociais diferentes. Aprendíamos muito, uns com os outros, sobre nossas diferentes experiências de vida, mas, em geral, nos sentíamos pertencentes a uma só sociedade, a um mesmo país e a uma mesma cultura, que era de todos. Por isso, acreditávamos que teríamos, também, um futuro em comum. Vejo com tristeza que hoje se estabeleceu o contrário: as escolas passaram a segregar os diferentes estratos sociais. Acho que a perda cultural foi imensa e as consequências, para a vida social, desastrosas.

Trecho do testemunho de um professor universitário sobre a Escola Fundamental e Média em que estudou.

Os três primeiros textos aqui reproduzidos referem-se à “camarotização” da sociedade – nome dado à tendência a manter segregados os diferentes estratos sociais. Em contraponto, encontra-se também reproduzido um testemunho, no qual se recupera a experiência de um período em que, no Brasil, a tendência era outra.

Tendo em conta as sugestões desses textos, além de outras informações que julgue relevantes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema **“Camarotização” da sociedade brasileira: a segregação das classes sociais e a democracia.**

Instruções:

- A redação deve ser uma dissertação, escrita de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível. Não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

Comentário à proposta de Redação

O tema proposto, a ser desenvolvido numa dissertação em prosa, foi: “Camarotização” da sociedade brasileira: a segregação das classes sociais e a democracia. Apresentou-se uma coletânea de textos que abordavam uma tendência cada vez mais presente na sociedade contemporânea, que consiste em “manter segregados os diferentes estratos sociais”, em contraste com uma época em que os espaços coletivos eram frequentados democraticamente por diversas camadas sociais.

No primeiro texto, o professor Michael Sandel defendia a importância da democracia numa “época de crescente desigualdade”, na qual “as pessoas abastadas e as de poucos recursos levam vidas cada vez mais separadas”. Já no segundo texto, Sandel observava que, no Brasil, a tendência à segregação seria mais acentuada do que nos Estados Unidos, uma vez que os serviços públicos são vistos como algo destinado a quem “não pode pagar por coisa melhor”, o que distorceria o conceito de “bem comum”. O terceiro texto, do empresário Renato Pereira, alertava contra o risco de o processo de “camarotização” se expandir para “muitos outros setores”. O último texto trazia o relato de um professor universitário que, nos anos 1960, teria frequentado o ensino fundamental e médio numa escola pública que, além de destacar-se pela qualidade, promovia o “convívio de classes sociais diferentes”, diferentemente de hoje, quando as escolas passaram a representar uma espécie de distintivo social, que praticamente definiria o futuro dos estudantes.

Caberia explicar as possíveis causas desse fenômeno, dentre as quais o aumento das classes populares, que, beneficiadas por programas de transferência de renda e maior acesso ao crédito, teriam passado a frequentar locais antes restritos à elite. O surgimento dos camarotes, ou dos espaços vip’s, atenderia aos apelos de uma sociedade que, regida pela lógica de mercado, buscaria separar-se da “plebe”, fato observado em shows, estádios, aeroportos etc. Cartões de crédito platinados representariam, nesse caso, o passaporte para espaços privilegiados.

Embora coubesse reconhecer que a divisão de classes remonta a muitas eras da civilização, o candidato poderia destacar o fato de haver, hoje, uma exacerbação do comportamento segregacionista, algo que há menos de 40 anos não ocorria de forma tão explícita. As próprias escolas públicas, ilhas de excelência à época, poderiam ser lembradas como exemplo de espaços democráticos, uma vez que reuniam estudantes das mais diferentes classes sociais.